

O trigésimo quinto número da *ex æquo* é o primeiro do ano em que a revista vai estar sob escrutínio particularmente apertado, uma vez lançada a sua candidatura à integração em importantes plataformas – a DOAJ e a SCOPUS. A APEM sabe que esta não será uma conquista fácil, mas está consciente de que ela é necessária à sobrevivência deste projeto editorial, aberto, que tem sabido contribuir para o desenvolvimento dos Estudos sobre as Mulheres/de Género/Feministas.

Apesar do desenvolvimento extraordinário que os Estudos sobre as Mulheres/de Género/ Feministas têm tido, não têm ainda existência, em muitos países, como é o caso de Portugal, nem enquanto disciplina do saber, nem institucionalização no sistema de ensino superior, nem nas atividades de investigação e desenvolvimento (I&D). Esta situação constitui um obstáculo ao pleno enquadramento epistemológico e profissional de quem trabalha nesta área de estudos. Podemos, assim, afirmar que a sua natureza interdisciplinar, ao mesmo tempo que tem assegurado a sua versatilidade e dinâmica, também se tem constituído em obstáculo à sua plena afirmação. As recomendações políticas produzidas por várias instâncias internacionais no sentido de serem implementadas políticas públicas de promoção da igualdade entre mulheres e homens que combatam os desequilíbrios nos sistemas e nas organizações de ensino e de investigação têm que ser complementadas com a proatividade na mudança do conhecimento produzido – é preciso transversalizar a perspetiva da igualdade de género nos currícula de todas as disciplinas e disponibilizar o ensino dos Estudos sobre as Mulheres/de Género/Feministas. Enquanto a disciplinarização e a institucionalização permanecem inexistentes, ou na melhor das hipóteses incipientes, é importante que especialistas desta área de estudos integrem os painéis de avaliação do ensino ministrado e da investigação financiada, tanto ao nível individual como organizacional. Reivindicação mínima indispensável, que fizemos chegar à agência nacional que gere a ciência e a tecnologia. Entendemos que a *ex æquo* tem um mandato a cumprir nesta missão e por isso procuramos dar visibilidade às diversas áreas de produção científica, também com o objetivo de fomentar o seu desenvolvimento e de estimular jovens investigadores/as a acreditarem que vale a pena investir em pesquisas sobre temas da vida de todos/as, muitas vezes ausentes ou invisibilizadas pelos estudos da ciência dita *mainstream*.

Para além dos oito artigos que constituem o dossier temático em volta de *Interseccionalidade, Comunicação e Cultura: (Entre)Cruzamentos de Matrizes de Opressão e Privilégio*, este número da *ex æquo* inclui também três textos de dois autores e

de uma autora provenientes da América Latina, uma região na qual a revista tem vindo a alargar a sua influência, o que é detetável pelo aumento de propostas de artigos daí provenientes. Como habitualmente, as temáticas destes estudos e ensaios são muito diversas.

Com o feliz título de «O Pecado da Carne: Neomaterialismo e a (Re)Descoberta do Corpo», Caynnã de Camargo Santos faz a sua primeira abordagem ao quadro teórico do neomaterialismo, consubstanciando a proposta de uma «reviravolta materialista», uma reação à grande influência que a «viragem linguística» teve nas ciências sociais e humanas, nomeadamente, nas abordagens performativas do corpo remetido à condição de constituído por representações sociais. Com o seu «realismo agencial» e a sua proposta de uma teoria «performativa pos-humanista», Karen Barad fornece as bases para a (re)descoberta do corpo pelo autor. O cotejamento que faz entre as abordagens de Barad e de Butler do corpo ocupa a segunda parte do artigo. A superação, e não apenas a crítica, do paradigma linguístico é sem dúvida um extraordinário desafio que o neomaterialismo vem trazer à teoria feminista.

No segundo texto, Alfonso M. Rodríguez de Austria Giménez de Aragón faz uma análise do «Uso del subtexto como propaganda machista en el personaje de Lois Lane en *Man of the Steel* (Zack Snyder, 2013)», concluindo que, apesar de à superfície ser apresentada como uma heroína, uma das mais duradouras da cultura pop desde a sua primeira aparição em 1938, Lois Lane, a intrépida jornalista que namora com o Superman revela-se, quando aprofundamos a análise até ao nível do subtexto, como uma mulher dependente da ajuda masculina.

O conjunto de artigos não-temáticos fecha com a apresentação à audiência da *ex æquo* de uma escritora negra, Carolina de Jesus, pela mão de Elaine Santos no seu artigo «Uma sabedoria no desespero. Há que gritar aos ouvidos da aparente surdez: Somos todas Carolina». O texto encerra uma poderosa chamada de atenção para a obra de uma mulher que, apesar de ter tudo contra ela, conseguiu exprimir a sua voz que, no entanto, continua silenciada, mesmo no seu país de origem, o Brasil. Através de uma sintaxe sociológica de algumas obras de Carolina de Jesus, a autora chama atenção para o caráter potencialmente revolucionário dos conteúdos da obra analisada.

Hoje a *ex æquo* é uma revista cuja internacionalização é indubitável, como o comprovam a publicação de textos em várias línguas e a atenção dada a publicações provenientes de vários países e continentes. Neste número, isso prova-se pela inclusão de textos em três línguas, mas sobretudo pelas cinco resenhas disponibilizadas que nos guiam a leitura de obras publicadas, em Inglaterra, Alemanha, Sérvia, Brasil e Portugal. Já no número anterior, a diversidade geográfica das obras recenseadas está igualmente presente. Claro que a nossa preocupação vai além da geografia, procurando incluir leituras sobre o desenvolvimento de novas ideias e diferentes formas de compreensão do mundo, sempre sob a égide da análise crítica das relações sociais de sexo/género.